



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

As Teorias Curriculares Pós-Críticas e a Inclusão da Perspectiva Decolonial de Gênero e Étnico-racial na Educação Básica: um olhar da prática docente

Jussileide Barbosa dos Santos¹

Mestre em Arte-Educação pelo IA-Unesp.

Em 2021 foi finalizada a dissertação de mestrado: As teorias curriculares pós-críticas e a inclusão da perspectiva decolonial de gênero e étnico-racial na educação básica: um olhar da prática docente. Tal dissertação tentou entrelaçar questões da interseccionalidade com as propostas político, pedagógica e ideológica de um pós-curriculo se estendendo a uma enorme indagação: Como trabalhar um currículo contemporâneo e decolonial nas aulas de arte na educação básica pública?

Geralmente aprendemos uma única história, a de quem dominou, explorou, escravizou e dizimou vidas. Aprendemos a aceitar a desigualdade racial, social e de gênero como coisa posta, predeterminada. Passamos de sujeitos a objetos. Nossas identidades foram escamoteadas. Precisamos ser contadores de histórias, recontar histórias daqueles que tiveram suas vivências apagadas ou deturpadas. Com isso surgem novas escritas, visões de mundo, novas histórias, porque o período colonial encerrou-se historicamente, mas o pensamento colonizador ocidental permanece. A decolonialidade emerge como um movimento de recontar histórias e dar visibilidade a outras experiências e vivências que não vindas do pensamento eurocêntrico. Afinal, somos latinos, mas não conhecemos a América Latina. O perigo da história única é que ela cria estereótipos, “rouba a dignidade das pessoas” e “torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum”. (ADICHIE, 2019, p. 26-7). A história única segrega, divide e nos

¹ Jussileide Barbosa dos Santos, nascida em Salvador, é professora efetiva de arte e coordenadora pedagógica no município de Poá/SP. Graduada em Licenciatura em Teatro pela UFBA- Universidade Federal da Bahia e Mestre em Arte-Educação pelo Instituto de Arte da Unesp- Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. É também atriz, palhaça e locutora. Pesquisa a interseccionalidade, decolonialidade e currículo. E-mail: lika.barsant@gmail.com / Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6556821878439978>

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16, 17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

torna diferentes como seres humanos, privilegiando um grupo de pessoas em detrimento de outras.

Outro ponto importante da pesquisa foi a ponte entre a interseccionalidade e o ensino de arte, como alguns docentes entrevistados de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador trabalhavam as questões de gênero, raça e classe nas suas aulas de arte. Todos eles alegaram dificuldades e resistência dos demais membros das unidades escolares, responsáveis e a comunidade quando esses temas eram evidenciados, poucos se dispõem a colaborar, ou seja, ainda fazem parte de uma minoria docente que se propõe a desafiar o sistema eurocêntrico, colonizador, cristão, racista, misógino, machista, sexista... A Educação pode contribuir para modificar cenários, servindo como espaço de debate identitário e transformações de vida, embora não tenha o poder único de extinguir as mazelas sociais. Ainda assim, ações individuais de muitos educadores servem para mudanças significativas, mesmo num micro espaço, que é a sala de aula.

Um pós-curriculo, segundo Corazza (2005, p. 103), trabalha “com conceitos criados pelos estudos culturais e feministas, gays e lésbicos, filosofias da diferença e pedagogias da diversidade”, como também debate “questões de classe e gênero, escolhas sexuais e cultura popular, nacionalidade e colonialismo, raça e etnia, religiosidade e etnocentrismo” (CORAZZA, 2005, p. 103). Esses temas muitas vezes não são discutidos em sala de aula, vistos por muitas pessoas como polêmicos, o que causa desconforto em muitos docentes, estes se sentem acuados ou amedrontados, principalmente no cenário político atual, em que – ao abordar essas questões – os educadores podem sofrer todos os tipos de represálias, podendo ser acusados de doutrinadores, e que não estão cumprindo sua função corretamente, embora existam leis que postulem que sua prática é legal, contundente e até obrigatória.

As perguntas que permearam a pesquisa foram: é possível trazer os pressupostos da teoria decolonial para a Educação Básica? Como educadores trabalham os temas propostos por essa teoria? Quais as dificuldades enfrentadas? Como é o retorno de educandos, pais e demais membros do grupo escolar, quando esses assuntos são abordados? Como é a formação continuada dos docentes para trabalhar com as questões de gênero e étnico-raciais em sala de aula?

Realização:



CEUNSP
Centro Universitário
N. Sra. do Patrocínio

opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE - Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Como os docentes utilizavam as linguagens da arte para debater temas como racismo, intolerância religiosa, preconceito de gênero, desigualdades sociais, história africana, afro-brasileira e indígena nas suas aulas. Os docentes reclamaram da solidão ao trabalhar esses temas, onde as questões étnico-raciais são trabalhadas na sua grande maioria, por professores negros engajados geralmente em momentos pontuais como Dia da Consciência Negra ou falar de gênero no Dia das mulheres, mas sem um compromisso eficaz da escola em aplicar uma educação/pedagogia antirracista e feminista, inclusive, este último é ainda mais desafiador pela ideia equivocada denominada ideologia de gênero. Os docentes entrevistados trouxeram pontos bem desafiadores. Uma professora negra da periferia de Duque de Caxias/RJ, relatou que, certa vez, apareceu um representante da secretaria de educação para saber se a lei 11.645/2008 estava sendo implementada na sua escola e ela era a única docente que trabalhava o ensino da história e cultura afro-brasileira com seus estudantes. Uma outra docente, de Sorocaba/SP, fez um projeto com suas alunas para acabar com o preconceito em relação as roupas usadas por elas, pois muitos posicionamentos machistas e misóginos criticavam as vestimentas das estudantes da escola. Um professor do interior da Bahia que também tinha sido secretário de educação da cidade denunciou o apagamento da história do lugar, onde até o nome originalmente indígena foi alterado para atender os desejos das lideranças políticas e religiosas, mas um fato bem peculiar que ele relatou foi quando propôs uma jornada pedagógica com o tema "Saberes docentes e desafios contemporâneos" e uma das mesas foi intitulada "A educação básica e as questões de gênero", as mulheres cristãs do lugar e demais moradores fizeram protestos e várias ameaças a ele, e isso se estendeu durante seu curto mandato, pois devido a inúmeras perseguições e até ameaças de morte, ele resolveu se mudar para o Rio de Janeiro e concluir seu doutorado. Muitas outras situações desagradáveis foram relatadas pelos doze docentes entrevistados.

O educando tem dificuldade em conhecer a si mesmo, enquanto potência como cidadão ou cidadã, não entende as engendragens que formatam o mundo capitalista, globalizado e neoliberal que define padrões, visões-de-mundo, normas, leis, estatutos, relações sociais, econômicas e culturais, estabelecendo um modo de viver e ser neste mundo tido como dado e imposto.

Para viabilizar e perpetuar os valores do colonizador na nossa sociedade, a educação, através do currículo, passou a ser uma ferramenta imprescindível, desde os ensinamentos da

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

época dos Jesuítas, num processo de tentativa para aculturar os povos indígenas até os dias atuais. O currículo não é apenas um documento oficial de um determinado município ou estado, ele se expressa das mais distintas formas, seja intrínseco através dos conteúdos dos materiais e livros didáticos propagando os ideais dos povos ocidentais colonizadores, seja através dos meios midiáticos, da ciência, da política e outros canais que são utilizados para “educar” a população nos moldes neoliberais. O currículo não é algo solto, desvinculado. Ele não se restringe somente a educação, ele recebe a influência ou influencia os mais diversos espaços sociais, inclusive de forma prolongada, pois os indivíduos passam boa parte da sua vida no ambiente escolar.

O currículo tem seu componente ideológico, ele é arquitetado para um público, com finalidades bem estabelecidas, contendo um propósito, que pode se apresentar de forma mais explícita ou não para os envolvidos no processo educacional. Ele é feito para “modificar as pessoas que vão seguir aquele currículo” (SILVA, 2019, p. 15). A pesquisa demonstrou os avanços proporcionados pelas teorias pós-críticas do currículo na Educação Básica, que alongaram mais seu espectro analítico, não se limitando a um determinismo de reprodução social, como visto nas teorias críticas curriculares. Com formação acadêmica e atuação profissional no ensino da arte, a pesquisadora também abordou a importância e eficácia das linguagens artísticas no desenvolvimento dos temas sobre raça, etnia e gênero. A tentativa é de, ao tratar temas tão urgentes na ambiência escolar, que estes possam ultrapassar os muros das escolas e germinarem na sociedade, transformando conhecimento em práxis, mudando construções sociais pautadas no machismo, patriarcado, sexismo, capitalismo e demais outros conceitos e preconceitos, buscando a transformação de mentalidades, leis, atitudes e os mais diversos espaços onde o subalterno possa ter seu lugar de fala.

Como afirma Djamila Ribeiro (2020, p.79): “Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação”, ou seja, “desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque se está confrontando poder”. (RIBEIRO, 2020, p.79). Como plano de fundo, a pesquisadora trouxe referências familiares das suas bisavós, uma escrava alforriada e a outra cigana para relatar silenciamentos, apagamentos, preconceitos raciais, de gênero, patriarcado, machismo, misoginia, dentre outras desigualdades. A escola através do currículo e das práticas pedagógicas tem a obrigação de contribuir com um país verdadeiramente democrático, onde todos os

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

discentes e docentes possam ter seus direitos assegurados, respeitados na sua condição de gênero e sexual, crença religiosa, raça, situação econômica e familiar.

O eurocentrismo não sinaliza somente um local específico (Europa), mas sim, a complexa construção ideológica pautada no imperialismo europeu e também estadunidense, este último, grande potência imperialista que influenciou e ainda influencia o modo de ser e viver de muitas nações não ocidentais,

A América Latina refere-se não somente ao espaço inicial de exploração colonial, mas também o tempo histórico do mundo que habitamos. "Foi a primeira entidade histórica do atual sistema-mudo colonial/moderno e de todo o período da modernidade." (QUIJANO, 2005, p. 9). É preciso o giro decolonial, que segundo Ballestrin (2013, p. 105), o termo foi cunhado em 2005, pelo autor Maldonado-Torres. Necessitamos revisitar nossas histórias, fazer as reparações necessárias, dar visibilidade as histórias não contadas, restabelecer os protagonismos dos povos negros e indígenas, pensar, ser e viver em numa lógica pós-colonial, onde as diferenças sejam vistas como potências e não formas de exclusão. É importante olhar para o sul, para a América do Sul!

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Feminismos Plurais. Coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BALLESTRIN. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 11. Brasília, maio-agosto de 2013, p. 89-117. Disponível em <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2017/06/ballestrin-luciana-amc3a9rica-latina-e-o-giro-decolonial.pdf> . Acesso em 12 de Mar. 2021. _____.

CORRAZA, Sandra Mara. Diferença pura de um pós-curriculum. In: **Currículo: debates contemporâneos**. Org. Alice Casimiro Neto e Elisabeth Macedo. Cortez editora. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2005.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

QUIJANO, Aníbal. Dossiê América Latina. **Dom Quixote e os moinhos de vento da América Latina.** Revista Estudos Avançados USP. 2005, p. 12.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade.** Uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Cortez, 2019.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala. Feminismos plurais.** Coordenação Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

